

A Estética da Obediência Ordem Unida e a construção da identidade militar

Jamicel Francisco Rocha da Silva ^a

Resumo: As artes são manifestações culturais que, por meio de símbolos, rituais e práticas coletivas, revelam e identificam grupos sociais. Este trabalho investiga como os aspectos estéticos da formação militar, interpretados como uma forma de arte institucional, funcionam como dispositivos de docilização dos corpos, discutindo a necessidade dessa submissão em instituições de preservação da ordem. A análise fundamenta-se na teoria foucaultiana da disciplina, especialmente tal como desenvolvida em *Vigiar e Punir*, para compreender os mecanismos de controle em instituições totais. Como contraponto, incorpora-se a sociologia militar, em especial a obra de Samuel P. Huntington, para demonstrar que a formação militar transcende a mera modelagem corporal, configurando-se como um processo de profissionalização baseado em expertise, senso de corporação e responsabilidade institucional.

Palavras-chave: Estética militar; Docilização; Foucault; Ordem Unida; Sociologia Militar.

INTRODUÇÃO

As instituições militares distinguem-se por uma estética própria, marcada por gestos padronizados, uniformidade visual

e rituais corporais que transcendem a mera funcionalidade operacional.

Entre essas manifestações, destaca-se a Ordem Unida – prática de formação que regula mo-

^a Capitão da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, especialista em História Militar.



vimentos individuais e coletivos com rigor estético e disciplinar. Mais do que um exercício técnico, esse conjunto de comandos e posturas configura-se como um dispositivo formativo central na construção da identidade militar.

Este trabalho parte da hipótese de que a Ordem Unida, embora funcione como mecanismo de docilização dos corpos, não se reduz a uma ferramenta de submissão. Pelo contrário, constitui-se como um elemento fundamental na formação de uma profissão que exige não apenas obediência, mas expertise, senso de corporação e responsabilidade institucional.

Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar como a estética da Ordem Unida atua na modelagem corporal e identitária dos militares, articulando-se à lógica da profissionalização própria das instituições armadas.

A análise é sustentada teoricamente por dois eixos complementares. O primeiro, de cunho crítico, baseia-se na noção foucaultiana de disciplina, especial-

mente tal como desenvolvida em *Vigiar e Punir*, para compreender como os corpos são moldados por técnicas de controle em instituições totais.

Na sequência, o segundo eixo, de natureza sociológica, utiliza a abordagem de Samuel P. Huntington sobre o profissionalismo militar, que permite interpretar a formação militar como um processo de construção de autonomia técnica e ética, e não apenas de obediência.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa teórica qualitativa, com abordagem bibliográfica e análise documental. Foram utilizados como fontes primárias os manuais de Ordem Unida do Exército Brasileiro (2000 e 2019) e da Polícia Militar de Minas Gerais (2011), além de obras de Michel Foucault, Marcel Mauss, Norbert Elias e Samuel P. Huntington, como base teórica. A interpretação combina elementos da teoria crítica e da sociologia militar para examinar a tensão entre disciplina estética e profissionalismo institucional.



O artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira, discute-se o conceito de docilização dos corpos a partir de Foucault, ampliado pelas contribuições de Mauss e Elias sobre as técnicas do corpo e o processo civilizador. Na segunda, apresenta-se o histórico, o conceito e as práticas da Ordem Unida, ilustrando como a modelagem corporal é operacionalizada nos manuais militares.

Na sequência, explora-se a dimensão profissional do militar, com base na obra de Huntington, demonstrando que a formação vai além da estética disciplinar e, por fim, nas considerações finais, sintetizam-se os argumentos e apontam-se caminhos para pesquisas futuras.

Ao integrar crítica foucaultiana e sociologia militar, este estudo busca contribuir para uma compreensão mais matizada da formação militar – não como mera imposição estética, mas como um processo complexo de constituição de agentes estatais tecnicamente capacitados e eticamente responsáveis.

A MODELAGEM CORPORAL NAS INSTITUIÇÕES MILITARES

O surgimento do Estado Moderno é um fenômeno político enraizado na crise do feudalismo, uma organização social tipicamente europeia. Segundo o historiador Eric Hobsbawm¹, parte dessa crise decorreu do fortalecimento das monarquias e da consequente centralização do poder.

A centralização do poder encontrou sustentação em instituições totais, conceituadas por Goffman² como espaços de residência e trabalho nos quais um grande número de indivíduos, em condições similares e isolados da sociedade por um período considerável, vivencia uma existência formalmente controlada.

Os exércitos nacionais, forças militares com estética singular, emergiram intrinsecamente relacionados ao conceito de instituição total e preservação da ordem. Para a materialização dessa estética, tornou-se indispensável a modelagem dos indi-



vídus que compunham essas instituições.

Essa dinâmica encontra ressonância na análise de Michel Foucault. Em sua obra seminal *Vigiar e Punir*³, o autor examina a transição das formas de punição e disciplina do corpo, um processo que se localiza historicamente na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, período em que também se insere o surgimento do Estado Moderno.

Em relação à figura do soldado, Foucault descreve:

Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia: e se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte de uma retórica corporal da honra.⁴

Na percepção do autor, já no início do século XVII, a estética corporal é definida pelas atividades referentes ao ofício das armas, seja a própria luta ou o rito da marcha.

O rito da marcha, composto por movimentos com características próprias e que diferem de uma caminhada comum, é resultado de um processo de adiestramento que impacta o corpo do indivíduo que ingressa nas fileiras de uma corporação militar.

Foucault descreve o adiestramento por meio de perspectivas conceituais, que levam à compreensão de que o corpo deve ser algo útil e dócil, um elemento para o alcance de interesses econômicos, por meio do controle que o torna produtivo e menos resistente.

Na primeira delas, expõe a arte das distribuições, na qual os espaços das instituições totais são moldados para o controle e para a vigilância, conforme descrição da arquitetura de quartéis:



O conjunto será fechado e cercado por uma muralha de dez pés de altura que rodeará os ditos pavilhões, a trinta pés de distância de todos os lados – e isto para manter as tropas em ordem e em disciplina e que o oficial esteja em condições de responder por elas.⁵

Os espaços – quartéis, escolas militares e acampamentos – são moldados para a vigilância, individualização da conduta e consequente aperfeiçoamento, que busca o alinhamento às características daquela instituição.

Além da arquitetura do espaço, o controle das atividades e do tempo é outra perspectiva de modelagem. No ambiente, tudo é rigidamente mensurado, as atividades são fragmentadas, distribuídas para o alcance de um ritmo que atenda aos objetivos da formação, emprego ou manobra.

Durante o processo de formação, o aluno é constantemente instado a realizar suas atividades em horários predeterminados: desde o despertar e a higiene matinal, a preparação do fardamento, a participação em instru-

ções (incluindo a Ordem Unida), as refeições até o encerramento das atividades.

A organização das gêneses, terceira perspectiva foucaultiana dos recursos disciplinares, estrutura o aprendizado em etapas progressivas, cumulativas e seriadas, visando ao aperfeiçoamento contínuo das aptidões corporais. Nela, o processo de modelagem do indivíduo ocorre de forma incremental e sequencial, condicionando a transição entre as fases à completa assimilação da etapa anterior.

Foucault descreve a organização das gêneses por meio do entendimento da necessidade de progressão:

A colocação em série das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual (de diferenciação, de correção, de castigo, de eliminação) a cada momento do tempo; possibilidade de caracterizar, portanto de utilizar os indiví-



duos de acordo com o nível que percorrem [...].⁶

A prática da Ordem Unida ilustra essa gênese: o militar só avança para movimentos mais complexos (como a marcha em coluna ou a execução de comandos em movimento) após dominar as posturas básicas, os passos e os giros elementares, garantindo a interiorização da disciplina em cada gesto.

Por fim, a formação do indivíduo leva à composição de forças nas instituições militares. Assim, a soma das individualidades contribui para a construção coletiva, por meio de atividades conjuntas, seja na marcha, no emprego de frações (pelotões, companhias e batalhões) ou na simples exibição em paradas militares.

Apesar da centralidade do conceito da obra de Foucault, a ampliação da discussão passa pela abordagem de outros autores que descreveram o corpo como objeto de modelagem.

No ensaio *As técnicas do corpo*, Marcel Mauss⁷ descreve a modelagem dos indivíduos por técnicas que se amparam em tradições impositivas de determinada sociedade.

As maneiras com as quais se alimentam, andam, marcham, enfim, vivem, são resultado da utilização dessa técnica sobre o corpo. Portanto, por serem características culturais, podem se manifestar de maneira diversa, mas sempre associada à necessidade de adequação às características de certa coletividade.

Entre as exemplificações, Mauss cita um regimento de infantaria do Exército Britânico, originado na região de Worcester, que lutou ao lado dos franceses na Batalha de Aisne, durante a Primeira Guerra Mundial:

Todos sabeis que a infantaria britânica marcha a um passo diferente do nosso: diferença de frequência, com uma outra duração. Não falo, por enquanto, do balanceio inglês, nem da ação do joelho etc. Ora, o Regimento de Worces-



ter, tendo feito proezas consideráveis durante a batalha do Aisne, ao lado da infantaria francesa, pediu a autorização real para ter toques de clarins e baterias francesas, uma banda de corneteiros e de tambores franceses. O resultado foi pouco encorajador. [...] Tudo era discordante em sua marcha. Quando tentava marchar direito, era a música que não marcava o passo. Com isso, o Regimento de Worcester foi obrigado a suprimir os clarins franceses.⁸

Nessa perspectiva, o exemplo das técnicas aprendidas e modeladas pela tropa britânica demonstra a especificidade dos costumes originada na característica cultural do regimento. Essa especificidade, além de caracterizadora, demonstrou a dificuldade de assimilação plena aos costumes franceses.

O conceito central de docilização é ampliado de uma interpretação puramente econômica e de utilidade para uma perspectiva cultural, na qual o corpo como objeto atende a uma necessidade de manifestação coletiva.

A ampliação da interpretação dos conceitos de Foucault e Mauss é significativamente aprofundada pela teoria do processo civilizatório, desenvolvida por Norbert Elias⁹. Em sua obra, Elias discute a imposição de regras e costumes como um processo contínuo e necessário para a construção da civilidade e da ordem social. Esse processo, também amparado em aspectos culturais, culmina na internalização dessas normas e na formação da autocoerção individual, importantes para a manutenção da coletividade.

A conceituação de Norbert Elias está diretamente relacionada à autocoerção que emerge da modelagem corporal dos indivíduos nas instituições militares. Nesse ambiente, as técnicas e a disciplina visam incutir um profundo autocontrole nos membros.

Essa internalização do controle individual instrumentaliza o corpo militar para o exercício da coerção externa sobre os demais componentes da sociedade,



seja na manutenção da ordem ou na aplicação da força, refletindo a monopolização da violência pelo Estado.

Além da conceituação da docilização dos corpos, que descreve uma utilidade econômica na submissão, ampliou-se a perspectiva por meio de uma abordagem da manifestação cultural, defendida por Mauss, além da descrição civilizatória e coercitiva, presente na obra de Elias e que se conecta às instituições garantidoras da ordem.

Na sequência, serão apresentados o histórico, o conceito, os objetivos e as práticas individuais e coletivas da Ordem Unida que ilustram a modelagem corporal.

A ORDEM UNIDA COMO FERRAMENTA DE MODELAGEM E DOCILIZAÇÃO

As instituições militares desenvolvem disciplinas específicas que atendem às particularidades de sua formação e aprendizado.

Nesse contexto, a Ordem Unida é introduzida nos cursos de formação como um mecanismo de imersão em um novo universo.

Nessa prática, as manifestações corporais são minuciosamente moldadas por uma estética rigorosa, projetada para diferenciar os indivíduos de seu meio original e forjar uma identidade coesa com a organização militar.

Nesta seção, ilustra-se essa estética por meio do Manual de Ordem Unida do Exército Brasileiro, especificamente a terceira e a quarta edições, publicadas respectivamente nos anos 2000 e 2019, como fontes principais.

Serão abordados os aspectos históricos, conceituais e práticos (individuais e coletivos), sob as perspectivas conceituais da organização das gêneses e da composição das forças.

A terceira edição do Manual de Ordem Unida descreve as primeiras manifestações de Ordem Unida da seguinte maneira:



Desde o início dos tempos, quando o homem se preparava para combater, ainda com armas rústicas e formações incipientes, já estava presente a Ordem Unida, padronizando procedimentos, movimentos e formas de combate, disciplinando homens, seja nas falanges, seja nas legiões.¹⁰

A exposição inicial, apesar de pouco específica em relação à localização histórica, é seguida por uma descrição da utilização da Ordem Unida por Frederico II, Rei da Prússia, que determinava diariamente aos súditos a prática de movimentos a pé firme e em marcha, como reforço dos aspectos de disciplina e espírito de corpo¹¹.

No Exército Brasileiro, o Manual identifica a herança do Exército Português, nas primeiras manifestações estéticas de movimentos da nossa Força Terrestre¹².

A herança do Exército Português é descrita por Oliveira e Sobrinho:

Nos idos de 1831 até o final do século XIX, às instruções da época seguiram-se os ensinamentos das Instruções Moreira César, Tenente-Coronel do Exército Brasileiro que publicou na última década do século XIX a obra intitulada Instruções para a Infantaria do Exército Brasileiro, que regulavam, detalhadamente, as manobras de ordem unida, tomando por base a instrução em uso no Exército Português que, embora seguidas pelo Exército Nacional, mostravam-se inadequadas, pouco eficientes, com métodos antecipadamente insuficientes para a natureza dos serviços exigidos ao corpo policial.¹³

Na sequência, a influência alemã, após Missão Militar de instrução naquele país, por meio do treinamento de oficiais brasileiros, antes da Primeira Guerra Mundial. Por fim, a estética herdada da Missão Militar Francesa, nos inícios dos anos 20, no nosso país¹⁴.

O período descrito como de inserção das práticas do Exército Português, uma estética euro-



peia, no Exército Brasileiro, coincide com o período histórico no qual Michel Foucault descreve os ritos de submissão dos corpos nas instituições disciplinares, entre elas as militares.

O Manual de Ordem Unida da Polícia Militar de Minas Gerais insere outra perspectiva sobre a estética de formação nas instituições militares brasileiras, por meio da seguinte descrição:

Na PMMG, o treinamento militar tem como fato marcante a contratação do capitão Roberto Drexler, do Exército Suíço, pelo Estado de Minas Gerais, por dois anos de 24 de dezembro de 1912 a 1914, para ministrar todo tipo de treinamento necessário à Força Pública. Recebeu, para tanto, a patente de Coronel da PMMG, com todos os direitos e vantagens do posto e alicerçou, na Corporação, as bases da ordem unida que vigoram até os dias presentes.¹⁵

A Instrução Suíça foi o modelo de adesão dessa instituição militar brasileira à estética europeia de docilização dos corpos,

que perdurou por quase um quarto de século, após uma radical e eficiente reformulação dos métodos anteriores, uma nova instrução que unia técnica, modernidade e eficiência¹⁶.

Na década de 1930, a Força Pública Mineira, denominação da Polícia Militar de Minas Gerais, aderiu ao modelo francês. Na definição de Oliveira e Sobrinho¹⁷, com a criação do Departamento de Instrução, em 1934, houve a chegada de uma missão professora do Exército Brasileiro para dirigir os ensinamentos técnicos profissionais da Corporação.

O panorama histórico demonstra consonância com aspectos da ordem, seja como ferramenta de coesão social, nos moldes prussianos, ou na necessidade de garantia da ordem presente em instituições totais como Exércitos Nacionais ou forças de segurança interna.

O conceito de Ordem Unida define essa disciplina como uma disposição individual, consciente e altamente motivada do indiví-



duo ingresso nas instituições militares e que visa a obtenção de determinados padrões coletivos de uniformidade¹⁸.

A quarta versão do Manual descreve que os participantes da formação (instrutores, instruídos, comandantes e executantes) devem considerar a Ordem Unida como um esforço de demonstração da disciplina militar, que se caracteriza como uma situação de ordem e obediência voluntária entre os militares, em vista da necessidade de eficiência no emprego da guerra¹⁹.

Os objetivos da Ordem Unida são elementos que se ligam à perspectiva foucaultiana. Por meio da prática, os homens são envolvidos em sentimentos de coesão e obediência, que possibilita a eles tanto se deslocarem em perfeita disposição individual quanto de maneira coletiva, em situação de combate ou preservação da ordem, e se apresentarem em público (paradas militares) como reforço da missão institucional.

O alcance desses objetivos passa por instruções individuais

e coletivas. Nelas, molda-se primeiramente o indivíduo e, após o alcance das fases necessárias, ele é inserido com os demais em práticas coletivas que permitirão que o grupo se comporte como uma massa harmoniosa nos deslocamentos, nas exibições públicas e no emprego operacional real.

A instrução individual, conforme o Manual de Ordem Unida do Exército Brasileiro, quarta edição, é descrita como aquela “na qual se ministra ao militar a prática dos movimentos individuais, preparando-o para tomar parte nos exercícios de instrução coletiva.”²⁰

Essa é descrita no mesmo Manual, como aquela “na qual é instruída a fração, a subunidade e a unidade, segundo planejamento específico.”²¹

Esse processo de modelagem gradual e sequencial do corpo e do comportamento militar na instrução individual reflete como, para Foucault, a disciplina organiza uma gênese, onde o adestramento do corpo lhe per-



mite não só repetir os atos, mas adquiri-los progressivamente, tornando-se cada vez mais hábil, rápido e dócil²².

A estética é inculcada de maneira detalhada nos primeiros passos da disciplina, no ensino dos movimentos básicos da instrução individual sem arma, por meio da divisão dos movimentos em seções (posições, posições sem cobertura, posições com o pingalim, passos, marchas e voltas).

Na sequência, ilustra-se essa percepção com a descrição da sequência que deve ser adotada para a posição de sentido:

Para tomar a posição de “Sentido”, o homem unirá os calcanhares com energia e vivacidade, de modo a se ouvir esse contato; ao mesmo tempo, trará as mãos diretamente para os lados do corpo, batendo-as com energia ao colá-las às coxas. Durante a execução deste movimento, o homem afastará os 2-2 2-3 C 22-5 braços cerca de 20 cm do corpo, antes de colar as mãos às coxas. O calcanhar esquerdo deverá ser ligeiramente

levantado para que o pé não arraste no solo. O homem tomará a posição de “Sentido” ao comando de “SENTIDO!”²³

A primeira das posições, a de sentido, é básica em relação às demais, a partir da qual os outros movimentos corporais são executados. É preciso tornar o corpo inepto uma massa apta a executar a estética militar.

Apto a executar a posição de sentido, o militar é moldado a executar outros movimentos (descansar, à vontade, relaxar a posição, em forma, forma de fora...) sempre numa sequência gradativa de aprendizado.

O corpo, inicialmente modelado aos movimentos básicos individuais, precisa evoluir para movimentos mais complexos, com a adição de instrumentos de manejo, os armamentos.

Conforme o Manual, “quando forem atingidos os objetivos da instrução de Ordem Unida sem arma, será iniciada a instrução com arma (essas instruções podem ser alternadas)”²⁴.



Nos movimentos com arma de fogo, o homem deve ser modelado a conduzi-lo e movimentá-lo como extensão do próprio corpo, indissociável e sequencial. Este processo de treinamento visa à total incorporação do armamento ao esquema corporal do militar, transformando o conjunto corpo-arma em uma unidade funcional e automática.

A soma desses indivíduos aptos a executarem movimentos individuais com eficiência e técnica resulta na composição de uma forma, uma massa apta a executar movimentos coletivos.

A transição para esse estado, segundo o Manual, “só deverá ser iniciada após o homem ter conseguido desembaraço na execução individual dos movimentos.”²⁵

Os homens participarão de formações (em coluna e em linha), formatura, deslocamentos e guardas fúnebres, cada uma delas com as especificidades que permitem um estado de força coletiva, no qual a docilização

individual atinge objetivos institucionais comuns.

Embora o treinamento minucioso da Ordem Unida inegavelmente alcance a docilização física e a sincronização coletiva, ambas essenciais para a eficácia militar, é crucial expandir nossa compreensão para além dessa dimensão puramente corporal.

Do ponto de vista da Sociologia Militar, conforme explorado por pensadores como Samuel P. Huntington, a formação de uma instituição armada profissional abrange camadas muito mais complexas do que a mera modelagem de corpos.

O PROFISSIONALISMO MILITAR PARA ALÉM DA MODELAGEM ESTÉTICA

A docilização dos corpos, vista como uma necessidade econômica, é implementada pelos ritos da Ordem Unida, disciplina aplicada aos novos membros das instituições militares. Esses ritos são eficazes para a



ambientação do ingresso que passa a representar a estética institucional por meio de expressões corporais próprias.

A ampliação dessa abordagem é necessária para uma compreensão mais profunda da função de instituições garantidoras da ordem na sociedade. Com isso, busca-se a percepção além de uma ferramenta de alcance puramente econômico.

O profissionalismo militar abrange outros aspectos além da simples submissão, composto por atividades multifacetadas dentro da garantia da ordem. Samuel P. Huntington²⁶, na obra clássica *O soldado e o estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares*²⁷, aborda aspectos que possibilitam a ampliação da discussão.

Esses aspectos são referência para a interpretação das relações com o mundo político e civil, que influencia as decisões e o consequente emprego dos militares na sociedade.

Para Samuel P. Huntington, a profissionalização militar se dife-

rencia e se estabelece por meio de três pilares interdependentes (expertise, corporação e responsabilidade), que se contrapõem ao conceito de submissão referenciado nas práticas de Ordem Unida discutidas, sob a abordagem econômica de Vigiar e Punir.

A especialização - conceito na obra de Huntington definido como expertise - é uma necessidade da profissão militar e exige conhecimento próprio para a garantia da ordem. Com isso, a limitação da atuação a aspectos corporais de obediência, é desafiada pela necessidade de tomada de decisão do militar.

Segundo Huntington, a profissionalização militar, especialmente no que tange à sua expertise, demanda não apenas treinamento físico, mas uma mente capacitada para formular e aplicar táticas e estratégias em cenários complexos, portanto, composto por outras disciplinas que possibilitam o alcance da capacidade de emprego.

Em relação à Ordem Unida, essa percepção ganha reforço



pelo direcionamento das práticas não somente para aspectos de obediência, mas também para a tomada de decisões por oficiais e graduados - militares que exercem função de comando – como um dos objetivos do ensino dessa disciplina.

A corporação, segundo pilar descrito pelo autor, está ligada ao senso de comunidade e identidade presente na profissão militar. Por meio dela, os militares criam laços de união, um estilo de vida próprio que os conscientiza da missão.

No Manual de Ordem Unida do Exército Brasileiro, o espírito de corpo é alcançado “pela boa apresentação coletiva e pela uniformidade na prática de exercícios que exigem execução coletiva”²⁸.

Essa abordagem pode ser ampliada pela perspectiva de Huntington²⁹, com a observação do argumento de que a corporação vai além da estética, baseando-se em valores compartilhados, ética e um compromisso mútuo que formam a verdadeira

coesão e autodisciplina profissional.

Por fim, o terceiro pilar está ligado à responsabilidade, descrita como o compromisso fundamental dos militares com os interesses sociais aos quais servem. Nela, Huntington defende a ideia de que a expertise e a corporação devem ser utilizadas para a garantia da missão institucional deve ser voltada à neutralidade e não para o alcance interesses corporativistas e políticos.

Na relação com o conceito econômico da submissão, a responsabilidade contrapõe a abordagem por meio da necessidade de neutralidade do emprego da instituição militar, voltada primordialmente à garantia de aspectos da ordem desejada pela sociedade a qual serve.

O exercício da profissão militar demonstra a necessidade da aquisição de habilidades pelo domínio de técnicas corporais com estética própria. No entanto, mais que uma mera submissão corporal, elas se apresentam como necessárias à aquisição de



expertise, senso de comunidade, reforço da identidade e responsabilidade em relação ao cumprimento da missão institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego de técnicas sobre o corpo é uma prática presente nas instituições militares. A profissão militar é composta de nuances que obrigam uma análise que ultrapasse a simplificação conceitual.

A perspectiva sociológica permite tanto uma análise econômica da submissão corporal que atende a uma sociedade voltada à produção, presente na obra de Michel Foucault, quanto uma abordagem do aspecto profissional que ultrapassa essa utilidade, decorrente da complexidade e das percepções multifacetadas das instituições garantidoras da ordem, em especial as militares.

Este artigo buscou demonstrar que a inserção da Ordem Unida como disciplina de aprendi-

dizado dos ingressos nas instituições militares pode ser entendida além da percepção de mera ferramenta de submissão.

A ampliação desse entendimento passa pela compreensão de que o profissionalismo militar exige a ampliação da abordagem meramente econômica, pois o exercício desse labor possui características ampliadas, que foram aprofundadas pela abordagem de Huntington.

Segundo o autor, a expertise não se restringe à obediência física, mas envolve o domínio de conhecimentos estratégicos e táticos para a profissão. O senso de comunidade e identidade vai além da apresentação coletiva, forjando laços de união e valores éticos que conscientizam o indivíduo da missão.

Por fim, a responsabilidade ressalta o compromisso da instituição com a sociedade e a neutralidade política, distanciando-a de um papel de ferramenta meramente econômica.

Assim, o presente estudo demonstra que a estética da Or-



dem Unida, embora funcione como mecanismo de docilização, também serve como alicerce para o desenvolvimento de uma identidade profissional militar, baseada em expertise, senso de corporação e responsabilidade institucional.

Dessa forma, a formação militar não se reduz à submissão, mas configura-se como um processo de construção de um agente estatal capacitado tecnicamente e eticamente comprometido com a ordem social.

Apesar das limitações do estudo, que se restringiu a uma análise genérica dos movimentos de Ordem Unida, sem distinção entre níveis de atuação (oficiais e praças), essa percepção pode contribuir para estudos futuros que levem em conta práticas específicas de formação de cada um desses grupos.

Outra abordagem está relacionada à análise de outras disciplinas de aprendizado que demonstrem o incentivo à autonomia na tomada de decisões.

Em relação à ampliação da discussão entre mera submissão econômica dos corpos e o contraponto da profissionalização militar, seriam valiosas futuras contribuições de autores como Morris Janowitz e Charles Moskos.

Janowitz³⁰, com seu conceito de militar gerencial, e Moskos³¹, com seu modelo Instituição/Ocupação, oferecem perspectivas complementares sobre a evolução e as tensões inerentes à profissão militar contemporânea.

Essas análises, somadas à proposta desse artigo, podem contribuir para a ampliação da compreensão das atribuições das instituições garantidoras da ordem, em um cenário em constante evolução, confirmando que a estética é apenas um dos aspectos da formação militar.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº 224, de 17 de dezembro de 2019. *Manual*



de Campanha EB70-MC-0308 – Ordem Unida. Brasília, 2019, 265 p.

BRASIL. Comando do Exército. Portaria nº 79, de 13 de julho de 2000. *Manual de Campanha C-22-5 – Ordem Unida*. Brasília: Centro Gráfico, 2000. 125 p.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Coelho. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HOBSBAWN, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: teoria e política das relações entre civis e militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

JANOWITZ, M. (1960). *The Professional Soldier: a social and political portrait*. Washington: Free Press, 1960.

MARCO FILHO, Luiz de. *História Militar da PMMG*. 6. ed. Belo Horizonte: Gradual, 1999. 106 p.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422.

MINAS GERAIS. Polícia Militar. *Manual de Ordem Unida*. Belo Horizonte: Academia de Polícia Militar, 2011.

MOSKOS, C. C. *From Institution to Occupation: trends in military organization*. armed forces & society, 4(1), 1977.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Alves. *A formação profissional do PM: avaliação do modelo*. 1992. 82 f. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, Academia de Polícia Militar, Belo Horizonte, 1992.



NOTAS

¹ HOBBSAWN, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

² GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁴ Ibid., p. 133.

⁵ Ibid., p. 139.

⁶ Ibid., p. 157.

⁷ MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

⁸ Ibid., p. 403.

⁹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Coelho. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

¹⁰ BRASIL. Comando do Exército. Portaria nº 79, de 13 de julho de 2000. *Manual de Campanha C-22-5 – Ordem Unida*. Brasília: Centro Gráfico, 2000, p. 1-1.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ OLIVEIRA SOBRINHO, José Alves. *A formação profissional do PM: avaliação do modelo*. 1992. 82 f. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento de

Oficiais) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, Academia de Polícia Militar, Belo Horizonte, 1992, p. 23-24.

¹⁴ BRASIL, 2000, op.cit.

¹⁵ MINAS GERAIS. Polícia Militar. *Manual de Ordem Unida*. Belo Horizonte: Academia de Polícia Militar, 2011, p. 37.

¹⁶ MARCO FILHO, Luiz de. *História Militar da PMMG*. 6. ed. Belo Horizonte: Gradual, 1999.

¹⁷ OLIVEIRA SOBRINHO, op.cit.

¹⁸ BRASIL. Comando de Operações Terrestres. Portaria nº 224, de 17 de dezembro de 2019. *Manual de Campanha EB70-MC-0308 – Ordem Unida*. Brasília, 2019.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid., p. 1-3.

²¹ Ibid.

²² FOUCAULT, op.cit.

²³ BRASIL, 2019, op.cit., p. 2-2 e 2-3.

²⁴ Ibid., p. 3-1.

²⁵ Ibid., p. 1-17.

²⁶ HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: teoria e política das relações entre civis e militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

²⁷ A obra foi escrita em 1957, após a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia, período no qual surgiram contestações e reflexos sobre o papel dos militares na sociedade e na política.



²⁸ BRASIL, 2019, p. 1-3.

²⁹ HUNTINGTON, op.cit.

³⁰ JANOWITZ, M. (1960). *The Professional Soldier: a social and political portrait*. Washington: Free Press, 1960.

³¹ MOSKOS, C. C. *From Institution to Occupation: trends in military organization*. *armed forces & society*, 4(1), 1977.